

Reajustes de preços podem ser bomba relógio, diz economista

Maurício Bacellar

Da Sucursal

Rio — O cada vez mais próximo fim do congelamento de preços, ou trégua, como colocou o Governo, começa a levantar discussões e expectativa dos destinos de curto prazo da economia. No entender do diretor de Pesquisa da Escola de Pós-Graduação em Economia da Fundação Getúlio Vargas (FGV), Fernando Holanda, a saída do congelamento deve ser um processo lento e gradual, como o desmonte de uma bomba relógio, para evitar que os preços explodam e detonem a realimentação inflacionária.

Dentro deste posicionamento, o Governo precisa dar prosseguimento aos realinhamentos que vêm promovendo, nos próximos 60 ou 90 dias, para refazer a relação entre custo de produção e preço, particularmente naqueles produtos que sofreram maior impacto do tarifaço lançado junto com o Plano Collor II.

O economista recomenda, ainda, que os reajustes necessários sejam escalonados, para diluir o seu efeito sobre a inflação e impedir que ela tenha uma subida repentina.

O realinhamento dos preços tem que ser feito sempre tomando-se em conta a administração da inflação. Fernando Holanda acredita que o melhor caminho para o Governo seja o de fixar metas de inflação para estabilizá-la e, a partir daí, conceder reajustes de preços compatíveis com estas. Ele acredita que, até o final do mês, estando superada a reorganização do mercado financeiro causada pelo fundão, o Governo terá condições de estabelecer objetivos de política monetária e, portanto, de inflação. "Se o objetivo de expansão monetária nos próximos 12 meses for de 50 por cento, então a inflação será de 50 por cento, sempre com o acompanhamento dos preços", explica.

Segundo diz, esta administra-

ção inflacionária é uma tarefa complexa, numa economia que alimenta a expectativa de aceleração dos preços e que deposita pouca confiança no Governo. Por isso, ela só poderá ser executada num clima de diálogo, de cooperação e de entendimento entre o Governo e os setores produtivos. Os empresários, acrescenta, têm de aceitar que a sua lucratividade, diminuída pelo tarifaço, não seja recomposta da noite para o dia.

Fernando Holanda acha que, no momento, não há condições para se pensar em zerar a inflação e defende que as autoridades, compatibilizando política econômica com déficit público, visem trazer a inflação para os níveis da primeira metade da década passada, entre cem e 200 por cento.

O professor da FGV afirma que só existirá o clima necessário para o índice zero quando ocorrerem profundas reformas no âmbito fiscal.